

## ADOLESCÊNCIA E VULNERABILIDADE: UM ENSAIO REFLEXIVO ACERCA DAS LACUNAS DO DESENVOLVIMENTO<sup>1</sup>

Ademar Dias de Oliveira<sup>2</sup>  
Francine Morais de França Valente<sup>3</sup>  
Luiz Nazareno Cavalcanti Junior<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente estudo surge da necessidade de ampliar reflexões sobre as possíveis lacunas no processo de desenvolvimento infantil, incluindo as possíveis vulnerabilidades no contexto da adolescência. Trata-se de um ensaio acadêmico e tem como objetivo promover um diálogo reflexivo sobre as considerações da teoria sócio-histórica e cultural de Vygotsky, a psicogênese da pessoa completa de Wallon e o desenvolvimento psicossocial de Erikson. Esses autores, apesar de divergentes e aproximados em várias curvas epistemológicas, destacam aspectos indispensáveis, tais como o biológico, social, cultural e emocional. Os resultados desses estudos mostraram que o processo de desenvolvimento é complexo e passível de diversas interpretações, portanto, não se pode pensar o/a adolescente como um ser intacto, espontâneo e responsável isoladamente pelos seus comportamentos, para isso, é preciso pensar num olhar retrospectivo em que os primeiros anos de vida tornam-se núcleos de análises e interpretações. Assim, conclui-se que os/as adolescentes são seres em movimento, passam por diversos processos, facetas que vão os moldando, está dinâmica nos ajuda a entender que o desenvolvimento humano não é reto, pois, entre o nascer e o se desenvolver surgem diversas demandas individuais e coletivas que precisam ser inseridas em todo repertório analítico do fenômeno adolescência.

**Palavras-Chave:** Adolescência. Vulnerabilidade. Desenvolvimento

**ABSTRACT:** The present study arises from the need to enlarge reflections on the possible gaps in the process of child development, including the possible vulnerabilities in the context of adolescence. It is an academic essay and aims to promote a reflective dialogue about the considerations of socio-historical and cultural theory of Vygotsky, psychogenesis of whole person of Wallon and the psychosocial development of Erikson. These authors, though approximate divergent in several essential aspects are epistemological curves, such as the biological, social, cultural and emotional. The results of these studies have shown that the development process is complex and subject to various interpretations, so you can't think the teenager as an intact, spontaneous and responsible individually for their behaviors, that requires think of a look back at the early years of life become nuclei of analyses and interpretations. Thus, it is concluded that the teenagers are moving beings, go through several processes, facets that are shaping, this dynamic helps us understand that human development is not straight, because, between the rising and developing various individual demands arise and conferences need to be inserted into all analytical repertoire of the phenomenon.

**Key Words:** Adolescence. Development. Learning.

<sup>1</sup>Texto de AACC – Atividade Acadêmica, Científica Cultural da UNISEPE-SP.

<sup>2</sup> Psicólogo pela Universidade São Francisco – SP; Mestre em Educação: currículo pela PUCSP; Doutorando em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela UNIFESP; Docente no curso de graduação em Psicologia da UNISEPE, Registro - SP; na Pós-Graduação em Deficiência Intelectual da INEC – Universidade Cruzeiro do Sul e na Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento na Faculdade Peruíbe-SP. [psicologoademar@gmail.com](mailto:psicologoademar@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Psicologia da UNISEPE, Registro-SP. [fmf.psicol@gmail.com](mailto:fmf.psicol@gmail.com).

<sup>4</sup> Graduando do curso de Psicologia da UNISEPE, Registro-SP. [luizcavalcanti36@gmail.com](mailto:luizcavalcanti36@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser compreendida como um período de grandes transformações, essa mudança transcende o crivo físico e se consolida nas dimensões sociais e emocionais. O tema tem se tornado centro das atenções nos últimos anos, principalmente nos artigos, congressos, simpósios, revistas e plataformas políticas.

Este trabalho pode ser justificado sobre diferentes dimensões, do ponto de vista social, os estudos sobre a adolescência podem contribuir para a melhoria das relações intra e interpessoais no cotidiano, causando impacto direto na melhoria da qualidade de vida de todos. No âmbito acadêmico, é preciso ampliar os estudos sobre o desenvolvimento do/a adolescente e deste modo oferecer aos profissionais que atuam nesta área, novas possibilidades de pensar o ser humano em formação. Cientificamente, este ensaio emerge como ferramenta crítica e analítica que nos leva a pensar sobre as diversas possibilidades de desenvolvimento, e no cenário da técnica, do método e da teoria é possível oferecer ao leitor um espaço de reflexão sobre o ciclo vital, que nem sempre é linear.

Para Stanley Hall (1904), um dos precursores dos estudos psicológicos sobre a adolescência no século XX, a adolescência pode ser resumida como um momento de transição na história do homem, biologicamente determinado e com características e crises inevitáveis.

Outros estudos de fundamental importância para a compreensão do desenvolvimento infantil até a adolescência foram realizados por Lev S. Vygotsky (1924-1934) e Henri Wallon (1909-1935), ambos se dedicaram a pesquisar a o desenvolvimento humano. Erikson (1968/1976) trata da infância até a velhice remontando os estágios do desenvolvimento humano, no psicossocial, daí o motivo de trazê-lo para a discussão deste trabalho, pois fatores psicossociais acabam sendo interligadas a vulnerabilidade.

Entre a infância e à adolescência existem diversas ramificações psíquicas, sociais, culturais que precisam ser observadas. Não pretendemos através do estudo reduzir as questões comportamentais da adolescência e as situações ocorridas na infância, pelo contrário, busca-se por meio desse acompanhamento, a compreensão do desenvolvimento e assim pensar coletivamente sobre possíveis vulnerabilidades. A

vulnerabilidade que se define em torno da figura do adolescente requer que se leve em consideração circunstâncias particulares de cada indivíduo (REIS *et al*, 2013).

Sobre o desenvolvimento, Vygotsky (1984) citado por Oliveira (2002) passa pela necessidade de compreender a infância. Para ele, a infância é a base do ciclo de vida.

No âmbito cronológico, a adolescência é compreendida no Brasil do nascimento à puberdade, ou seja, criança e adolescente. Esta informação é legitimada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069 de 1990, é considerada como criança o indivíduo com até 12 anos incompletos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) por sua vez, afirma que o período da adolescência vai dos 10 aos 19 anos de idade, sendo dividido em 2 faixas etárias: dos 10 anos aos 16 anos e dos 16 anos aos 19 anos.

Segundo a ONU (2014), temos no mundo, 1,8 bilhão de pessoas no mundo com idade entre 10 e 24 anos, constituindo a maior população de jovens (15 a 24 anos) e adolescentes (10 a 19 anos).

No decorrer da evolução social e cultural, filósofos, cientistas sociais, psicólogos e muitos estudiosos do comportamento humano pretendiam dar um significado ao termo adolescência para viabilizar a interlocução entre pensamentos e conhecimentos e também expressar ideias socialmente determinadas que norteassem condutas da coletividade (FARIA; LEÃO, 2007).

De acordo com Wallon (1949) citado por Galvão (2008), a criança é determinada nas dimensões físicas e sociais, com suas disposições internas e situações externas, procura entendê-la como um ser integrado, que envolve a emoção, movimento, inteligência e personalidade, um ser geneticamente social. Período marcado por contradições e conflitos, resultado da maturação orgânica e das condições ambientais.

Vygotsky (1984) trouxe uma nova perspectiva de olhar às crianças, reconhecendo a infância como um processo de interação com o mundo e a define como ser biológico, histórico e social, ou seja, a criança é reconhecida como ser pensante (processo iniciado pela linguagem), capaz de vincular sua ação à representação de mundo que constitui sua cultura.

Através do objeto de estudo enunciado busca-se identificar, reconhecer e analisar as possíveis intercorrências no processo de adolecer nas relações estabelecidas

com a sociedade. Essas relações estão balizadas por aspectos individuais e coletivos e, o que pode implicar no surgimento de vulnerabilidades.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho trata-se de um ensaio acadêmico, de âmbito qualitativo, tipo bibliográfico. O levantamento de dados e informações foi realizado por meio de artigos de periódicos, dissertações e teses. A busca foi realizada diretamente em base de dados eletrônicas, sendo as mais acessadas o Scientific Electronic Library Online (SCIELO), os Periódicos da CAPES/MEC, incluindo a base de dados *Web of Science*. Também foram consultados os acervos virtuais disponíveis das bibliotecas de universidades estaduais e federais. Informações específicas foram consultadas por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF), da Organização Mundial da Saúde, do Ministério da Saúde, do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome e Sistema Único da Assistência Social e do Centro de Referências Técnicas em Psicologia e Políticas Públicas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O desenvolvimento humano pode ser visto como um processo complexo que envolve diversas possibilidades e lacunas, salienta-se que é preciso considerar as subjetividades, ou seja, as individualidades das pessoas, porém, entende-se que não estamos diante de uma linearidade. Nota-se que em muitos momentos desse ensaio surge o termo “lacuna” que pode ser entendido como espaço vazio, sinônimo de falha, falta, enfim, algo que não foi preenchido.

Durante o desenvolvimento, a pessoa desde os primeiros anos de vida passa por processos adaptativos, organizacionais e estruturais abarcados nas mudanças no desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial. O estudo sobre o desenvolvimento humano é longo, pode ser exposto em diferentes correntes e áreas, sendo assim, no decorrer dos anos muitos autores se propuseram a discutir este período, uns tratam a consolidação desse trajeto sobre a ótica de estágios ou etapas, outros acreditam que se resume em movimento horizontalizado, de vivências, contudo, quase todos os autores acabam concluindo que mesmo em concepções divergentes, o processo de

desenvolvimento é fundamental para o ciclo de vida na fase de adolescência e vida adulta.

Dentre autores que contribuíram e contribuem para o entendimento do desenvolvimento humano, podemos destacar: **Wundt** (1832-1920) e **Fechner** (1832-1920), representando o **Estruturalismo/Associacionismo**; **William James** (1820-1903); **Thorndike** (1874-1949), **Pavlov** (1849-1936), **Watson** (1878-1958) e Skinner (1904 – 1990) no Behaviorismo; Freud (1856-1939), *Ana Freud* (1895-1982), Erik Erikson (1904-1994), Aberastury (1910-1972) dentre outros da Psicanálise; **Köhler** (1887-1967) da *Wertheimer* (1880-1943) e *Kofka* (1886-1909) da *Gestalt*; além de Stanley Hall (1846 – 1924); Schultz (2005), Bock (2008); **Piaget** (1886 -1980) no construtivismo; Lev Vygotsky (1924-1934) na psicologia sócio-histórica e cultural; Henri Wallon (1879 – 1962) na psicogênese da pessoa completa, dentre outros.

Conforme já relatado, entre tantas possibilidades, este ensaio trata das contribuições Lev Vygotsky, Henri Wallon e Erik Erikson. Como funciona o processo de desenvolvimento humano do nascimento até a consolidação cronológica do adolescer? Quais as possíveis intercorrências durante este processo e que podem minimamente explicar algumas questões comportamentais na atualidade.

Vygotsky (1984) apresenta outra ótica de desenvolvimento, em que as pessoas nascem “mergulhadas em cultura”, e esta será uma das principais influências no desenvolvimento. Este processo passa necessariamente pelos planos genéticos do desenvolvimento, sendo a filogênese que diferencia os humanos dos animais; Ontogênese, história da espécie do indivíduo; Sociogênese que diz respeito às relações sociais e culturais do sujeito e microgênese na qual não existe determinismo, as pessoas têm histórias diferentes.

Galvão (2008) ao descrever as teorias wallonianas destacou que o desenvolvimento ocorre necessariamente nas dimensões da emoção, movimento, inteligência e personalidade, que a pessoa é um ser geneticamente social, por isso estuda a psicogênese da pessoa completa, ou seja, ele é determinado fisiologicamente e socialmente, por fatores de natureza orgânica e social no decorrer da sua vivência.

Erikson mudou o enfoque da teoria Freudiana sobre o desenvolvimento dos estágios psicosssexuais, ancorando em um contexto sociocultural, considerando o ser humano como um ser social, antes de tudo, um ser que vive em grupo e sofre pressão e influência dele. Foi uma metodologia totalmente nova para a Psicanálise, pois estudos

longitudinais eram muito raro e complexos de serem realizados. Os estágios psicossociais que Erikson descrevem crises pelas quais a pessoa pode vivenciar e neste período sai mais fortalecido ou mais frágil, de acordo com a intensidade da vivência do conflito, essas situações estão completamente entrelaçadas no contexto social, palco dessas crises (RABELLO, 2001).

Aonde queremos chegar com essas reflexões? Queremos produzir um espaço que possa nos possibilitar um diálogo entre os autores sobre possibilidades de desenvolvimento, neste percurso surgem as resiliências (capacidade de se adaptar, suportar adversidades) e as vulnerabilidades (qualidade ou estado de quem está à mercê, às margens, frágil).

A vulnerabilidade pode ser apresentada sob diferentes concepções, termo bastante discutido na sociologia, serviço social e antropologia. No âmbito psicológico, chamam-se de vulneráveis aquelas pessoas ou grupos que apresentam dificuldades para se proteger, é algo dinâmico, multidimensional, polissêmico, transdisciplinar e qualitativo, amplamente utilizado em diferentes áreas do conhecimento.

Para Reis et al (2013), em geral, a concepção de vulnerabilidade apoia-se no argumento de que a dimensão estrutural da realidade, articula às necessidades objetivas e subjetivas dos indivíduos e grupos, além de produzir diferentes níveis de exposição a agravos à saúde, pode reduzir a capacidade de os sujeitos exercerem autonomia de decisão frente às questões de saúde e da coletividade em que vivem.

As possíveis lacunas no desenvolvimento podem desencadear ou agravar situações de vulnerabilidade no adolescente, deste modo, torna-se necessário voltar a atenção para o desenvolvimento infantil, pois assim, se tem acesso a gênese dos processos psíquicos, que numa abrangência maior, investiga a criança mostrando as diferentes etapas, os vínculos e o sistema de relações estabelecidas entre a criança e meio.

Os estudos psicogenéticos de Wallon enfatizam os elementos integrados do desenvolvimento: emoção, movimento, inteligência e personalidade, um ser geneticamente social, por isso a Psicogênese da pessoa completa - Do grego psyche (alma) + genesis (origem). O autor vai explorar a origem e desenvolvimento dos processos psicológicos, estudo das causas psíquicas geradoras de alterações no comportamento, deu o nome de Psicogênese da pessoa completa. “A criança vai mudando com a idade, conforme as necessidades, reveladas em suas atividades,

interesses e conforme os recursos que encontra ao seu alcance para satisfazê-las” (MAHONEY, 2000. Pag. 9).

Nas abordagens Vygotskyanas e Wallonianas, o ser humano se constrói na relação com o outro, segundo a qual o desenvolvimento se dá em relação às trocas entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação.

Wallon (1909-1935) fala do processo de desenvolvimento via estágios, uma das grandes pesquisadoras da teoria walloniana é Galvão (2008), que reforça os pressupostos do autor, lembra-se do primeiro estágio é o Impulsivo-emocional (primeiro ano): relação muito forte com a mãe (“eu” na pessoa da mãe – chamado de “diálogo tônico”/dependência), afetividade orienta primeiras reações (inaptidões, não se adapta a qualquer lugar), a criança é dependente do meio e precisa do meio social para interpretar e dar significado aos objetos.

Enquanto Wallon dá ênfase a esta questão mais motor e afetivo, Vygotsky (1984) vai enfatizar as relações do sujeito que são interativas, pois adquire conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação, no caso a primeira mediadora seria a mãe.

Se sinalizarmos as contribuições psicossociais para explicar este processo de desenvolvimento, Erikson (1987) apresenta algumas considerações, ele fala da primeira de vida e assim conceitua a “confiança x desconfiança (até um ano)”. Para ele, a primeira relação social do bebê é com a mãe que garante seu conforto, satisfaz suas ansiedades e necessidades, quando ele vivencia positivamente essa fase, sua mãe confirma suas expectativas e esperanças, surgindo a confiança básica, ou seja, a criança tem a sensação de que o mundo é bom, que as coisas podem ser reais e confiáveis, do contrário, surge a desconfiança básica, o sentimento de que mundo não corresponde, que é mau e ingrato.

A importância da confiança básica é devido ao fato de implicar a ideia de que a criança “não só aprendeu a confiar na uniformidade e na continuidade dos provedores externos, mas também em si próprio e na capacidade dos próprios órgãos para fazer frente aos seus impulsos e anseios” (ERIKSON,1987, p.102).

A partir daí podemos identificar a influência da primeira crise descrita por Erikson, que pode resultar numa das vulnerabilidades do adolescente se a relação com a mãe foi positiva ( primeira representação de mundo), ele terá uma boa representação para se projetar, caso contrário, irá procurar identificações substitutas, o idolatria ou

seja, o culto a um herói; no sentimento de desconfiança o adolescente vai se tornar agressivo e desconfiado; mais tarde, ele pode se tornar menos competentes, menos entusiasmado, menos persistentes.

Em alguns momentos Wallon, Erikson e Vygotsky apesar de serem de abordagens diferentes sincronizam, quando pensamos no estágio sensório-motor e projetivo (até os 3 anos) do Wallon, temos um período de em que o bebe procura a exploração do aspecto ambiental (marcha, engatinha) e o desenvolvimento da função simbólica e linguagem.

Vygotsky (1924-1934) vai aproveitar este processo exploratório descrito acima para falar da importância da mediação por instrumento e signos introduz modos de aprender através da exploração do ambiente. Se a criança não passa por este processo, como será a formação da psique nos próximos anos? Poderíamos fazer alguma relação com a vida na adolescência? Uma questão que deixaremos ao leitor.

O Erikson (1976) vai neste mesmo período acima destacar as questões de autonomia x vergonha e dúvida (2 a 3 anos). Neste estágio a criança já tem um controle de seus movimentos musculares, e suas experiências serão baseadas na exploração do meio, ensaiando seus primeiros passos para uma autonomia, mas também, irá se deparar com regras e um controle social, concedendo liberdade e limitações. Aqui podemos também lançar algumas questões para reflexões, e se a criança não tem uma referência paterna? Materna? Como fica este processo? São questões que nos auxiliam a pensar na adolescência no âmbito da multidimensionalidade, por quê?

O/a leitor vai percebendo que neste ponto da discussão estamos intercalando os pensamentos dos autores para explicar este processo lacunar do desenvolvimento. Quando Wallon apresenta o estágio do personalismo (3 – 6 anos), lembra que a criança está passando pela formação da personalidade, construção da consciência de si nas interações, começa a se identificar com o “como eu sou?”

Enquanto Wallon vai refletindo sobre a formação da personalidade, Vygotsky (1984) contribui destacando que na infância que surge os primeiros níveis da formação da personalidade do indivíduo. Claro que luma lógica totalmente diferente de Wallon e de Erikson, aqui Vygotsky lembra que este processo só se consolida na relação mediada pela história e pela cultura.

Quando a criança se aproxima dos 4 e chega aos 5 anos de idade, Erikson (1987) vai chamar de período de iniciativa x culpa, pois, a combinação de confiança,

autonomia e a expansão motora desenvolvidas nas fases anteriores, serão uma alavanca para a iniciativa. “É um período pré-escolar que irá ampliar seu círculo de contato e aumentar seu crescimento intelectual, apurando sua capacidade de planejamento e realização” (ERIKSON, 1987. p.116).

A iniciativa conduz a formação da responsabilidade, ligado a necessidade de aprender, a criança quer ajudar os adultos, ela já tem o controle sobre si mesma, e agora se sente capaz de ter um poder e controle sobre o mundo, tendo um senso de obrigação e desempenho, quer realizar as tarefas domésticas dos adultos, varrer a casa, enxugar a louça, consertar alguma coisa, e querem fazer tudo sozinhas, tomar banho e se vestir sozinha, com a roupa que ela escolheu. Uma questão que fica neste momento está relacionada mais uma vez a representatividade do cuidador, quando a criança não tem esta referência?

Sobre estas questões acima, Vygotsky (1984) também apresenta sua contribuição, ele destaca a importância do brinquedo como mediador, porque se trabalha relações, regras, tomadas de decisão, a criança envolve-se em um mundo ilusório e imaginário onde seus anseios podem ser realizados no momento em que quiser.

Ainda de acordo com as contribuições progressiva de Erikson, Wallon e interacionista de Vygotsky, cabe aqui ressaltar aquilo que Wallon chama de estágio categorial (6 – 11 anos), aqui o autor citado por Galvão (2008), lembra que a criança se aproxima da adolescência, é mais objetivo nas decisões, já pensa o real por meio de categoria (alto, azul, largo), interesse da criança pelo conhecimento e conquista do mundo exterior, observa mais e analisa comportamentos. Vejam que, mesmo no cenário infantil, surgem indícios de comportamentos típicos da adolescência, portando, surge uma reflexão: O que deve ser feito neste período para que o mundo vivenciado pela criança possa ser prazeroso e ter continuidade na adolescência que se aproxima?

Quando Erikson (1987) cita a diligência x inferioridade ele nos ensina a pensar no desenvolvimento do ponto de vista do controle físico e intelectual, em uma relação que equilibre as duas às regras de aprendizagem informal, uma vez que o principal contato é o social, sendo escolar, familiar ou outro meio mais amplo.

Mais adiante, quando ele discute o estágio da puberdade: autoafirmação (sexual, social, identitária), ele diz que se rompe a “tranquilidade” afetiva do estágio anterior com a chegada da puberdade, a personalidade sofre uma nova definição em função das

modificações corporais influenciadas pelas ações hormonais (testosterona-homem) – (progesterona-mulher).

É neste momento que surgem diversas situações passíveis de intervenção no âmbito interdisciplinar, como oferecer um espaço que ajude o adolescente a entender este momento de mudanças físicas, sociais, emocionais, culturais?

Podemos neste ponto de análise, lembrar-se das outras contribuições do Wallon, que vem dialogando e nos ajudando a perceber este desenvolvimento, a este respeito ele afirma:

“Separar o homem da sociedade, é opor, como é frequente, o indivíduo à sociedade, é descorticalizar seu cérebro... é da sociedade que o indivíduo recebe suas determinações; elas são para ele um complemento necessário; ele tende para a vida social como par seu estado de equilíbrio” (Wallon, 1949/93, p. 8).

Wallon fala da impossibilidade de tratar o ser humano apenas no aspecto biológico, quando ele usa o termo descorticalizar o cérebro, ele está nos alertando que não é possível afastar as pessoas das relações sociais que as legitimam,

Quanto ao período da adolescência, Vygotsky (1984), também traz sua contribuição, ele destaca que a adolescência se constituiu no início de um processo dialético organizado ao redor de uma unidade biológica, física, psíquica, mental e cultural, em que foram descritas a partir da relação de quatro linhas de desenvolvimento, sendo, desenvolvimento dos interesses, do pensamento e da formação de conceitos, das funções psíquicas superiores e da imaginação e criatividade.

Seguindo esta visão de Vygotsky, considera-se que o adolescente é um ser social e histórico. Na medida em que se insere em seu contexto, ele avança em seu desenvolvimento.

Diante de tantas reflexões sobre desenvolvimento, emoção, interação e ações psicossociais, é importante pensarmos também na questão da identidade do adolescente e quem vai nos ajudar neste dilema é Erikson (1987), quando ele discute identidade x confusão de identidade, conforme o autor, ao entrar na puberdade, o adolescente necessita se sentir seguro frente todas as transformações que está sujeito a passar, sendo físicas e psicológicas. A segurança é encontrada em sua identidade, que foi construída nas etapas anteriores.

É evidente que a partir da construção de sua identidade há uma formação ideológica, na qual o adolescente busca se inserir em grupos que apoiam seus

princípios, no entanto, ao se identificar fortemente com o grupo o sujeito acaba entrando no fanatismo, na qual começa a defender cegamente algo que se apossou de seus princípios e ideologias.

O anseio que o adolescente passa na busca de encontrar um papel no qual ele se encaixe na sociedade, traz a ele uma confusão de identidade, fazendo com que mude seu comportamento o tempo todo, em curtos espaços de tempo, comparado as mudanças físicas que também acontecem rapidamente. Nesta confusão, o adolescente experimenta diversos sentimentos, solidão, vazio gerado por não conseguir se introduzir no mundo adulto, também pode levar a uma regressão de comportamento, tentando resgatar a sua identidade infantil, a qual estava familiarizada. Ele ainda pode agredir outras pessoas, por não aceitar sua identidade, ou seja, negando a si mesmo, e formando preconceitos e discriminação por aquilo que não se aceita.

Acredito que não devemos encerrar esta discussão sem pensar em um dos planos genéticos de desenvolvimento de Vygotsky, a microgênese, de acordo com este plano os processos psicológicos são diferentes de pessoa para pessoa, o que nos remete a pensar que não existem pessoas iguais, aqui o autor se mostra contra o determinismo, ou seja, não tem como diagnosticar o sujeito, como dizer se vai ser bandido ou pedreiro, este processo de formação é individual e cada pessoa reage de uma forma as adversidades da vida.

O desfecho de todo esse conflito dependerá do quanto o adolescente vivenciou positivamente suas etapas anteriores, no desenvolvimento da confiança, autonomia, iniciativa e na satisfação da realização de seus propósitos. A estabilização de sua identidade lhe traz a sensação de conquista e organização, preparando-o para o futuro, passando das preocupações de criança para a segurança aparente de um adulto.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante dessa consideração do antes e do depois, conclui-se que os três autores, por mais que esteja em binóculos diferentes, podem nos ajudar a compreender algumas situações atuais e comportamentais dos/as adolescentes.

Se a base não está consolidada, o meio terá dificuldade para se completar, esta lacuna passa pelas curvas do desenvolvimento, são várias indagações que surgem diante

dessa análise, como foi o desenvolvimento da personalidade, mental, relacional, das funções psicológicas elementares, superiores.

O desenvolvimento não é reto, saudável como deveria ser e livre de intercorrências. O objetivo do estudo foi atingido, recomenda-se a ampliação de estudos nesta temática, enfim, não está findado e abre-se de modo geral oportunidades para continuarmos discutindo para entendermos o processo de desenvolvimento e suas intercorrências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

FARIA, Simone Menezes de; LEÃO, Inara Barbosa. **Adolescência: um conceito de estágio de desenvolvimento psicossocial definido historicamente**. 2007. Disponível em: <<http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

ERIKSON, Erik **Identity: Youth and crisis**. New York. Norton.1968.

\_\_\_\_\_. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

\_\_\_\_\_. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

GALVÃO, Izabel. **Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 17ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HALL, Stanley. (1904). **Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology**, sex, crime, religion and education (Vol. 2). New York: D. Appleton and Company.

MAHONEY, Abigail Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl de LERNER, Delia FERRERO, Emília CASTORINA, José Antônio. **Piaget e Vygotsky: Novas Contribuições para debate**. São Paulo: Ática, 2002.

REIS, Dener Carlos. **Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n2/pt\\_0104-1169-rlae-21-02-0586.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n2/pt_0104-1169-rlae-21-02-0586.pdf)> Acesso em 13 set. 2017

\_\_\_\_\_. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.